

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VIII, Nº 251 - MARÇO - PORTO VELHO,
2010.

VOLUME XXVII

ISSN 1517-5421

Capa: Eliaquim da Cunha

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

FABÍOLA HOLANDA - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

EDITORAÇÃO GRÁFICA

ELIAQUIM DA CUNHA & SHEILA CASTRO

Os textos devem conter no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail: primeiraversao@gmail.com

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

251



APONTAMENTOS SOBRE MEMÓRIA

Xênia de Castro Barbosa



Xênia de Castro Barbosa¹.

RESUMO: Este artigo compõe-se de reflexões acerca da memória social, coletiva e suas relações com a História. Tais reflexões nasceram a partir dos problemas constatados na pesquisa Espaço e Memória, que analisou 12 textos resultantes de trabalho de história oral anterior (Nordestinos na Amazônia – a experiência de dois mundos), a fim de perceber, por meio dessas narrativas, como se deu a construção do espaço social de Rondônia.

PALAVRAS-CHAVE: memória; espaço; Batalha da Borracha.

ABSTRACT: This article composes in reflections concerning the social, collective memory and its relations with History. Such reflections had been born of the problems evidenced in the research Space and Memory, that analyzed 12 resultant texts of work of previous oral history (Northeasterns in the Amazônia - the experience of two worlds), in order to perceive, by means of these narratives, as the construction of the social space of Rondônia was given.

KEYWORDS: *memory, space, Battle of the Rubber.*

“Quando as palavras se derramam em cascata e transbordam no vigor do existente, invocam o que, até então, era passado.

(Estrella Bohadana).

Este artigo traz alguns apontamentos sobre a memória, entendida em seu sentido social (BOSI, 1995; 2003), (HALBWACHS, 1990). Tais reflexões foram produzidas por ocasião de minha pesquisa de iniciação científica, denominada Espaço e Memória, na qual contei com a atenciosa orientação do professor Dr. Alberto Lins Caldas e com auxílio financeiro da CAPES.

Ao trabalhar com uma documentação composta por textos resultantes de entrevistas de história oral, nas quais a memória e a experiência são elementos centrais e, mais do que isso, possibilitadores daquele tipo de material, uma atenção especial a questões como memória e identidade é imprescindível. Entende-se que é impossível fazer um trabalho de pesquisa sério, seja ele historiográfico ou não, sem discutir o modo como os documentos foram produzidos e conservados.

¹ Xênia de Castro Barbosa é estudante do curso de História da Universidade Federal de Rondônia e pesquisadora do Centro de Hermenêutica do Presente (UNIR).

Iniciou-se, então, um estudo teórico sobre a memória, a fim de lançar luzes sobre o complexo conjunto de experiências vivenciadas, recordadas e expressas em narrativa pelos soldados da borracha entrevistados a logo da pesquisa “Nordestinos na Amazônia: a experiência de dois mundos” – do qual Espaço e Memória foi um desdobramento.

Entende-se por Memória o conjunto de impressões, imagens, lembranças e experiências que se reatualizam no tempo presente através da linguagem. Desse modo, o ato de recordar ocorre a partir de um olhar do presente, de consciência, discursos, ponderações e juízos atuais. A memória que possuímos das coisas e dos acontecimentos é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. (BOSI, 1995).

O “relembrente” (KOTRE, 1997), aquele que recorda e narra sua vida é antes de tudo um ser social, que constrói suas experiências dentro de uma coletividade. Ao narrar, deixa transparecer uma Memória que não é apenas sua, é Coletiva, sem contudo extinguir sua singularidade e subjetividade, pois é ele quem atribui valor aos acontecimentos coletivos: algo que lhe é grandioso e fundamental, para outros do grupo pode ser tão irrelevante a ponto de nem constar na narrativa, ou de simplesmente aparecer “de passagem”, não lhe sendo atribuído nenhum sentido especial.

A fronteira entre a Memória Coletiva, também dita Histórica e a “Memória pessoal”, caracterizada pela singularidade do sujeito, é bastante tênue. Em geral elas se interpõem, se misturam como em um sfumato. De acordo com Bosi “há um modo de viver os fatos da História, um modo de sofrê-los na carne que os torna indelével e os misturam com o cotidiano, a tal ponto que já não seria fácil distinguir a Memória Histórica da Memória Familiar e Pessoal” (1995: 464).

Como exemplo dessa tênue fronteira entre memórias, percebemos nas narrativas dos soldados da borracha constantes na pesquisa Espaço e Memória, o freqüente mito do “submarino alemão”, onde apesar de o comandante do navio dizer que “não é nada”, alguns colaboradores enfatizam esse momento de “ataque inimigo” pois afinal, o Brasil havia definido oficialmente sua posição na Segunda Guerra e eles haviam acabado de ser recrutados no Nordeste para virem para a Amazônia, trabalhar na Batalha da Borracha. Percebeu-se, nesse elemento enunciado, o entrelaçamento das memórias pessoais, histórias de vida, ao discurso Nacional e Internacional. Também é de se notar que ao mesmo tempo em que as narrativas refletem as ideologias do Estado, criticam-nas ao denunciar o descaso sofrido pelo trabalhador, os entraves burocráticos, as promessas não cumpridas, como pode se constatar na leitura dos textos resultantes das entrevistas².

A Memória é algo em constante construção. Inacabada, indefinitiva, aberta e de certa forma, livre. Apesar de todo o “controle” sobre o pensamento das pessoas através de instância reguladoras/formadoras e preservadoras da Memória tais como: Mídia, Religiões, Estado e a própria sociedade, com seus discursos, mímesis e rituais a fim de preservar aquilo que lhes é interessante ser lembrado, existem experiências íntimas singulares e profundamente marcantes, que se

² Estes textos podem ser encontrados no Centro de Hermenêutica do Presente, na Universidade Federal de Rondônia e espera-se em breve publicá-los no site daquele centro de pesquisa.

sobrepõem a esse controle. Estas geram uma nova paisagem na memória, um novo quadro, um novo discurso repleto de “pessoalidade” que nem de longe toca aquilo que as instâncias formadoras/mantenedoras da memória e conseqüentemente reguladoras de discursos, considera digno de ser lembrado.

O horror presenciado numa guerra, um filho assassinado por policiais, a leitura de um livro, um aroma ou sabor conhecidos na infância ou, até mesmo, a necessidade afetiva de ser considerado no presente, de ser reconhecido, são vivências capazes não apenas de reatualizar a memória, mas de desencadear toda uma narrativa, como demonstrou o senhor Manoel Patrício, soldado da borracha aposentado:

“(…) papai levou dois pão e uma lata de leite condensado. Isso me lembro! Aí abriu aquela lata de leite condensado, mamãe fez um leite, nós comemos com pão, que coisa gostosa! Nós nunca tinha visto. Nós nunca tinha comido pão nem leite condensado.” (Manuel Patrício)

A partir dessa doce lembrança Manoel Patrício narra sua vida e cartografa seu mundo, compreendido, enxergado, imaginado por ele, o menino de doze anos, que desde muito cedo conheceu os dissabores da vida.

As lembranças que vêm à tona construídas pelas experiências dos sentidos, constituem-se numa Memória Sinestésica, onde, por relações subjetivas, elementos/sentidos/interpretações diferentes, compostas por um outro sentido, se antevêem e se sobrepõem criando novas relações/sensações. Esse efeito sinestésico ao contrário do que muitos pensam, não acontece apenas com pessoas que possuem diagnóstico clínico e Sinestesia, que produzem em seu cérebro associações diferentes do comum. Poetas, crianças e pessoas que se colocam a recordar sua vida, podem desenvolvê-la em sua linguagem.

A Memória Sinestésica é “ativada” pelo contato de um sentido corporal com determinado “objeto”. Esse objeto que desperta a atenção do sentido é denominado por Kotre de objeto simbólico, pois “inicia uma corrente de associações que podem fazê-lo (*o relembrente*) falar durante horas.” (1997:107). Como a cor laranja que uma criança ou um poeta relacionam a bolo de cenoura e até sentem seu sabor através do paladar, muitas vezes nos deixando também com “água na boca”, um cheiro que “representa” um determinado dia da semana, a textura de um tecido que faz com que se recorde da suavidade da pele da mulher ou do homem amado e conseqüentemente, de toda uma história de amor e outros sentimentos.

Outro ponto importante a ser compreendido quando tratamos de Memória e nesse caso especial, de Memória Cinestésica é o da forma de “existência dos sentidos”. Eles são criados e educados por uma cultura, refletem e servem-na. Devem realizar suas necessidades e interesses, perpetuá-la. No caso do Ocidente, os sentidos foram produzidos, e é esse o termo exato, por um longo processo capitalista a fim de ser sustentado em toda a sua produção mercadológica (essa sustentação se dá através da reprodução da força de trabalho e do consumo). Para que eles passassem a existir

“foi preciso que antes se destacassem do corpo (...) se separassem da alma, significando algo longe da presença de deus, ingressando no mundo e no corpo do mundo, mergulhando na metafísica objetiva da indústria e da ciência, corporificando-se nas mercadorias (...) Sem objetificação não há os sentidos.” (CALDAS, 1999: 25).

A verdade que os sentidos dizem é apenas a verdade do nosso mundo: tribal, “interior”, ou o que gostaríamos que fosse. Essa verdade, assim como a memória, é algo transitório. Puramente discursivo e que se reconstrói a cada “ocasião”. Acentua-se, portanto, que a Memória é compreendida nesse estudo não como algo sólido e mecânico, arquivo compartimentado do cérebro onde “está tudo guardado lá dentro”, mas sim como algo líquido, fluido, como Texto e Hipertexto, conforme teorizou Caldas:

“Camadas de textos de todas as épocas e lugares se sobrepondo uma às outras num sincretismo total e abrindo espaço para a confecção de outros, feitos por nós, com nosso olhar, criação e hiperleituras, pois o hipertexto “é a própria hiperleitura em seu movimento, em seu momento; o resíduo é mecânica hipertextual: aquilo que fica no caminho é a rede e sua visibilidade textual [sempre pronta para iniciar percursos]” (Caldas, 2001).

Se a memória é fluida, os textos que a refletem, as Biografias, as Histórias de Vida, são líquidas como o caminho de um rio: inusitado por mais que nos seja conhecido, lugar de sons, cores, encantos, surpresas. Mas se esta fluidez tem seus encantos, também traz consigo o tormento do esquecimento, que em tempos atuais tem se manifestado em uma “crise da memória”. Diante do temor constante de esquecer, de “perder a memória”, povos das mais variadas culturas têm desenvolvido ao longo do tempo, artefatos auxiliares do trabalho memorativo, muitas vezes olvidando que o esquecimento é também constituinte da memória.

Dentre os artefatos e técnicas de auxílio à memória pode-se enumerar as sonorizações, que possibilitavam os gregos recitarem de cór a Odisseia inteira, os mitos, que ao serem transmitidos ritualizam justificando e conservando a ordem social estabelecida; a escrita, que é auge desse processo, sem falar nas modernas tecnologias: gravadores, filmadoras, blogs na internet, que registram as mais diversas atividades e acontecimentos do cotidiano, ainda que se trate de coisa irrelevantes. É certo que a conservação do “conteúdo a ser lembrado”, apesar de todos esses artefatos de preservação da Memória, passam por reatualizações de pessoa para pessoa, de tempo para tempo, embora mantendo, muitas vezes, a “essência” daquilo que é importante ser lembrado.

A Memória continua sendo um tema atual que catalisa pesquisas das mais diversas áreas do saber, isto porque é o elemento primordial para se ter acesso à experiência humana de tempos anteriores, seja de um passado remoto ou recente. Essas experiências de tempos anteriores, embora não determinante, também são partes constituinte do que somos hoje, formam identidades, contribuem para a coesão ou não coesão social. Desse modo, os estudos relativos a essa temática mostram-se pertinentes, ainda mais em um país como o Brasil, que viveu décadas de uma política sistematizada de silenciamento e ocultação da verdade. Mais do que nunca, é preciso recordar!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Ecléa. **MEMÓRIA E SOCIEDADE: LEMBRANÇAS DE VELHOS**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____, **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA: ENSAIOS DE PSICOLOGIA SOCIAL**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

BRUNER, Jerome; WEISSER, Susan. **“A INVENÇÃO DO SER: A AUTOBIOGRAFIA E SUAS FORMAS”**. In OLSON, David R.; TORRANCE, Nancy. *Cultura Escrita e Oralidade*/141,161, São Paulo : Ática, 1995

CALDAS, Alberto Lins. **INTERPRETAÇÃO E REALIDADE**. Caderno de Criação, UFRO/Dep. de História/CEI, n.º 13, ano IV, Porto Velho: setembro, 1997.

- _____. **HISTÓRIA E VIRTUALIDADE.** Caderno de Criação: 06/12, UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº18, ano VI, Porto Velho: junho, 1999.
- _____. **DO TEXTO AO HIPERTEXTO: DA LEITURA À HIPERLEITURA.** Revista Primeira Versão: UFRO/Centro de Hermenêutica do Presente, nº 22 ano I, Porto Velho: agosto, 2001.
- _____. **NAS ÁGUAS DO TEXTO: PALAVRA, EXPERIÊNCIA E LEITURA EM HISTÓRIA ORAL.** Porto Velho: Ed. EDUFRO, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **A MEMÓRIA COLETIVA.** São Paulo: Ed. Vértice, 1990.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

PAULO FREIRE: Poder, Desejo e Memórias da Libertação

MOACIR GADOTTI e outros
Artmed

RESUMO: Paulo Freire é considerado um dos mais importantes educadores do século passado (século XX), Este livro apresenta uma análise exploratória e uma ampliação de suas idéias, formuladas por grandes conhecedores de sua vida e obra, incluindo uma entrevista com o próprio Paulo. É uma oportunidade ímpar de refletir sobre o pensamento deste fabuloso educador, e porque não dizer, de refletir sobre a educação, já que nem sempre é possível saber onde termina um e começa a outra.

SUMÁRIO: As muitas lições de Freire; Descentralizando a pedagogia; de Pedagogia do Oprimido à Luta Continua; O Humanismo radical e democrático de Paulo Freire.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Educação.

Palavras-chave: educação; pedagogia libertadora; Paulo Freire; política